

Boletim **Ecps** **liaget**



Boletim Informativo da Universidade Jean Piaget de Angola

Gabinete de Comunicação e Imagem — Edição N.º 30 — Abr/Jun 2015 - Periodicidade: Trimestral - Distribuição Gratuita

15º Aniversário da UniPiaget



Entrevista ao Presidente a AEUniPiaget



Semana das Portas Abertas

EDITORIAL

- UNIPIAGET 03
Por: Reitor Pedro Domingos Peterson

NOTÍCIAS

- Batismo dos Caloiros 2015 04
Por: Deula Agostinho

- Licenciatura em Eng. Civil 05
Por: Mónica Guedes

- Gabinete de Sumários e Horários ao serviço de IP 06
Por: Mónica Guedes

- Economistas da UniPiaget aprendem sobre a neurociência 07
Por: Miguel Cosme Vieira, 2º ano de Economia e Gestão

- Maio Mês de África 08
Por: Dr. Pedro Ângelo

- 2ª Edição dos Mestrados na UniPiaget 10
Por: Mónica Guedes

- 15º Aniversário da Universidade Jean Piaget Angola 11
Por: Deula Agostinho

ENTREVISTA

- Presidente da Associação dos Estudantes da UniPiaget 15
Por: Mónica Guedes

NOTÍCIAS

- Semana das Portas Abertas da UniPiaget 18
Por: Deula Agostinho

- Ciclo de palestras para Engenheiros 19
Por: Mónica Guedes

- Estudantes da Piaget vencem Prémio Odebrecht 2014 20
Por: Mónica Guedes

PONTO DE VISTA

- Velhas e Novas Tecnologias de Ensino 24
Por: MSc. Maria Helena José

- Regulação do sector universitário privado angolano 25
Por: Doutor Julien David Zanzala



Ficha Técnica

PROPRIEDADE:

Universidade Jean Piaget de Angola
Criada pelo Decreto Nº 44-A/01, do Conselho de Ministros, em 06 de Julho de 2001

TÍTULO:

Boletim Ecos Piaget

COORDENAÇÃO:

Prof. Doutor Pedro Domingos Peterson
– Magnífico Reitor
Eng.º Arnaldo Santos
– Secretário Geral

EDITOR:

– Prof. Doutor Pedro Domingos Peterson

SUB-EDITOR:

– Mónica Guedes
monicguedes@gmail.com

CHEFE DE REDACÇÃO:

– Deula Agostinho
dfagostinho@hotmail.com

Colaboradores:

- Decanos das Faculdades
- Coordenadores de Cursos
- Docentes
- Discentes
- Pessoal não Docente
- Trabalhadores
- Parceiros da UniPiaget

Revisão:

Departamento de Línguas e Culturas

Endereço:

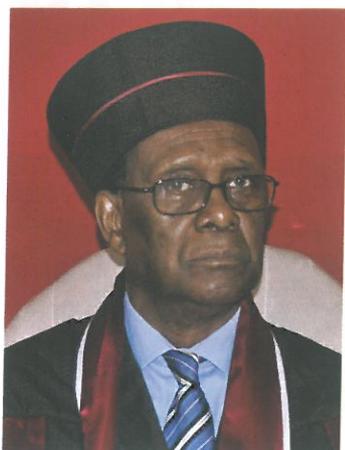
Bairro Capalanca, Município de Viana,
Avenida Jean Piaget
Província de Luanda
Instituto Superior Politécnico Jean Piaget
de Benguela:
Bairro Nossa Senhora da Graça
Estrada Nacional

Design, Paginação, Impressão e Acabamento:

EAL – Edições de Angola

TIRAGEM: 2500 Exemplares

UNIPIAGET



“É de assinalar, ao comemorar os quinze anos da criação da Universidade Jean Piaget de Angola, o número de licenciados já lançados no mercado de trabalho que, até agora, perfazem cerca de dois mil estudantes dos diversos cursos que temos em fun-

cionamento... o que se traduz num importante contributo, desta Universidade, para o desenvolvimento do nosso país.”

No quadro dos 40 anos da proclamação da independência da República de Angola e dos quinze anos da criação da Universidade Jean Piaget de Angola, através do Decreto nº 44-A/01 do Conselho de Ministros, em 6 de Julho de 2001, diversas as actividades académicas foram desenvolvidas pelos docentes, estudantes e pessoal não-docente.

Trazemos nesta trigésima edição do Boletim Ecos Piaget no período compreendido entre Abril e Junho de 2015, em destaque, a dinâmica realização da semana de “Porta-Aberta” da Universidade que foi visitada, pelo menos, por uma centena de pessoas e ainda o excelente trabalho realizado com a colaboração da Universidade Aberdeen de Inglaterra.

As duas actividades realizadas expressam a identidade ou a filosofia da Universidade Jean Piaget que consiste em estar constantemente aberta à comunidade e ao

mundo laboral e vice-versa. A abertura da instituição ao mundo em geral deve permitir a ligação efectiva entre a teoria e a prática, a prática e teoria, o saber, o saber-fazer e o saber ser. A aquisição de conhecimentos requer necessariamente a implicação de todos os sentidos do ser humano (do concreto, de abstracção, da análise, síntese, comparação, raciocínio e generalização). Esta ligação, que deve ser sólida e consistente, deve igualmente permitir o reajuste de perfis de saída dos estudantes à realidade da vida real e sobretudo do mundo do trabalho e das empresas.

É de assinalar, ao comemorar os quinze anos da criação da Universidade Jean Piaget de Angola, o número de licenciados já lançados no mercado de trabalho que, até agora, perfazem cerca de dois mil estudantes dos diversos cursos que temos em funcionamento, o que se traduz num importante contributo, desta Universidade, para o desenvolvimento do nosso país. De igual forma, é para nós igualmente gratificante, o termos possibilitado que esses jovens e menos jovens tivessem materializado o seu sonho de terem concluído o seu curso superior.

➤ Aproveitamos esta ocasião para felicitar e agradecer a presença nas comemorações, no dia 16 de Junho do ano em curso, de ilustres dirigentes académicos, políticos e empresários que, com a sua presença, quiseram de certa forma homenagear a nossa já longa caminhada de progresso académico, científico, cultural e social.

Finalmente, gostaria de dirigir uma palavra de apreço e estima aos docentes que escrevem para este Boletim. Convidamos os outros docentes e estudantes para fazerem o mesmo.

O Reitor
Pedro D. Peterson

Baptismo dos Caloiros 2015

Por: Deula Agostinho

Sob o lema "Caloiros hoje: Licenciados amanhã", a Associação dos Estudantes da Universidade Jean Piaget de Angola realizou, no passado, dia 25 de Abril, no pátio central da universidade, o Baptismo dos Caloiros do Ano Lectivo 2015.

A actividade teve início às 09:00 horas, com a apresentação do corpo directivo dos estudantes. Chamado a intervir, o Secretário-geral da Associação dos Estudantes da UniPiaget, Euclides Sapalo, deu as boas vindas aos novos membros da comunidade piagetiana, encorajando-os a desempenhar a actividade académica com zelo e responsabilidade.

Como de praxe, o baptismo teve como objectivo dar as boas vindas aos novos estudantes. O programa incluiu vários atractivos, destacando-se, maioritariamente, os estudantes da universidade que com o seu jeito de fazer arte e cultura não deixaram os seus créditos em mãos alheias.



Segundo a Comissão Organizadora apesar das pequenas dificuldades típicas desse tipo de evento, os objectivos augurados foram alcançados, visto que foram baptizados mais de 400 estudantes de diferentes cursos ministrados na universidade.

Sejam bem-vindos à família piagetiana...



Licenciatura em Eng. Civil

Por: **Mónica Guedes**

“Um dos pontos fortes nesta área é a possibilidade do fácil enquadramento dos formados no mercado de trabalho atendendo à procura que se verifica”

O BEP conversou com o Arquitecto Messa Ndompetelo Leonardo, coordenador dos cursos nocturnos das Engenharias.

- Pode fazer uma apresentação sua resumida?

Sou natural de Nambuanguo, província do Bengo. Sou licenciado em Arquitectura, pelo Instituto Superior de Belas Artes, na República Democrática do Congo, com opção em Desenho.

- Há quanto tempo trabalha na UniPiaget?

Trabalho na UniPiaget há 6 anos.

- O que é ser Coordenador de curso?

Ser coordenador de curso é procurar manter uma relação saudável entre os docentes e discentes bem como auxiliar os docentes em tudo que tem que ver com o plano de estudo e as actividades curriculares.

- Há quantos anos existe o curso de Eng^a Civil?

O curso de Engenharia Civil, na altura denominado Engenharia de Construção Civil e Ordenamento do Território, arrancou em 2002.

- O que caracteriza a licenciatura?

A licenciatura é caracterizada por fundamentos teóricos para que possam conhecer as grandes teorias da Engenharia Civil, e u ma componente prática, tais como as práticas laboratoriais e as visitas de estudo às grandes infra-estruturas de construção civil.

As disciplinas nucleares começam a partir do 3^o ano, o que vai possibilitar aos estudantes, no ano seguinte, a escolha das opções: Construção e conservação de vias de comunicação; Estruturas e Edificações; Hidráulica, Saneamento Básico e Recursos hidráulicos. E no 5^o ano o estudante começa seu estágio no segundo semestre e finaliza com um projecto de final do curso.

- Como está o mercado de trabalho angolano nesta área?

O mercado de trabalho encontra-se numa fase de procura atendendo a carência de engenheiros civis.

- Quais são os pontos fortes do curso?

Um dos pontos fortes nesta área é a possibilidade do fácil enquadramento no mercado de trabalho atendendo à procura que se verifica.

- Quais são as suas prioridades para o curso?

Como coordenador as prioridades são formar quadros capacitados para o engrandecimento do país

- Quais são os principais desafios?

Os principais desafios são reter os estudantes e incentivá-los a continuar com a sua formação na área de engenharia, visto que a maior parte deles têm uma inclinação para cursos teóricos.



Gabinete de Sumários e Horários ao serviço do IP

Por: Mónica Guedes

Entrevista ao Coordenador do Gabinete de Sumários e Horários, Mestre Ângelo Carvalho da Silva.



“Trabalhar nesta área é aliciante, tendo em conta a importância deste sector para a Afirmação da Universidade no Rigor, Inovação e Qualidade.”

O que é o Gabinete de Sumários e Horários?

As funções do gabinete são diversas, destacando-se as seguintes:

- Colaboração com os coordenadores na elaboração dos horários semestrais;
- Gestão dos Docentes e Salas, bem como resolução de problemas com sobreposições;
- Elaboração dos Horários dos Exames;
- Controlo de presença e assiduidade dos docentes, bem como os registos dos sumários;
- Elaboração do mapa de pagamentos dos Docentes a módulos.

No entanto o Gabinete de sumários e horários tem outras funções não menos importantes e que são de servir os diversos órgãos do Instituto Piaget, fornecendo todo um conjunto de informações, tais como:

- Mapas mensais de faltas, faltas justificadas, reposições e aulas dadas;
- Ficha individual do Docente, com discriminação das disciplinas leccionadas (com horas e percentagem de aulas dadas);
- Diversas Estatísticas solicitadas pelo Ministério do Ensino Superior;
- Relatório Anual do Docente (Horas semestrais efectivas, Disciplinas leccionadas, horas dadas, faltas e reposições);
- Diversas Estatísticas solicitadas pelos Diversos Órgãos da Escola;

Como está organizado?

O Gabinete está organizado em diversas áreas tais como a fiscalização, registo de assiduidade, inserção de sumários (e impressão), elaboração de Horários e Exames, reposições de aulas e Pagamentos.

Trabalham no Gabinete de Viana 9 pessoas (incluindo o Coordenador), estando destacados mais alguns funcionários nos hospitais onde decorrem as aulas de Medicina a partir do 3º ano.

Um grupo de 5 funcionários faz um horário entre as 8h00 e as 17h00 (com alguma flexibilidade dado a necessidade de se abrir o gabinete às 7h30) e um grupo de 3 funcionários faz o horário entre as 14h00 e as 22h00.

A visão do Coordenador é que cada pessoa do serviço seja capaz de desempenhar a maioria das tarefas. Foi providenciada uma formação a todos os funcionários para os habilitarem a tarefas de maior responsabilidade. Pretende-se

que os funcionários sejam responsáveis, que saibam trabalhar em equipa e que sejam capazes de combater entre eles o absentismo dos colegas.

Qual é a importância deste serviço?

Este gabinete é importante porque é responsável por garantir o cumprimento dos planos de estudos em vigor e pela prestação de informação importante aos diversos órgãos.

O controlo de assiduidade dos docentes é importante porque garante que os alunos tenham um número adequado de horas de cada disciplina.

Outro ponto importante é a gestão de salas para aulas, exames e Eventos.

O que significa trabalhar nesta área?

Eu já tinha funções similares em Portugal, tanto na coordenação de horários e pagamentos de módulos, bem como na gestão da aplicação informática de suporte (que tinha sido desenvolvida por mim). Dito isto, posso afirmar que trabalhar nesta área é aliciante, tendo em conta a importância deste sector para a Afirmação da Universidade no Rigor, Inovação e Qualidade.

Quais são as suas expectativas para este ano?

Como responsável do Gabinete tenho a expectativa que seja possível baixar o absentismo dos docentes, que possamos prestar um melhor serviço aos docentes e estudantes e que o gabinete ajude a um melhor funcionamento da Universidade na sua área de actuação.

Economistas da UniPiaget aprendem sobre a neurociência

Por: Miguel Cosme Vieira, estudante do 2º ano de Economia e Gestão

No pretérito dia 19 de Maio de 2015, por volta das 10 horas, no Auditório Roberto de Almeida, estudantes e docentes do Curso de Economia e Gestão da UniPiaget de Angola tiveram oportunidade de assistir a uma comunicação sobre a contribuição da neurociência no estudo dos comportamentos económicos, proferida pelo professor catedrático, Doutor Manuel José da Rocha Armada, docente da prestigiosa Universidade do Minho (Portugal), que se encontrava em Luanda no âmbito dos convénios sobre os mestrados celebrados entre as duas instituições.

Na sua intervenção, subordinada ao tema: "Contribuições das novas abordagens em Economia e Gestão", o também Director da Associação Europeia de Gestão Financeira pretendia explicar o processo de tomada de decisão pelos agentes económicos. Apresentou aos participantes a já conhecida crítica à concepção neoclássica da racionalidade do *homo oeconomicus* à qual acrescentou as contribuições da neurociência. Outrora, os defensores da racionalidade perfeita alegavam que a análise dos comportamentos económicos (consumo, poupança, produção, distribuição) poderia ser feita abstraindo-se das outras dimensões culturais do ser humano: dimensões

morais, éticas, filosóficas, religiosas, políticas, etc.

Fundamentado na concepção da racionalidade limitada de Herbert Simon e nos avanços teóricos recentes da neurociência, o professor Armada explicou que o processo de tomada de decisão não passa apenas pela aplicação de modelos matemáticos, como pretendia a análise ortodoxa que consagra ao cérebro um lugar privilegiado, ignorando o coração ou a parte emocional do ser humano. Sublinhou a necessidade de reconhecer as situações de imperfeição da informação (o decisor não conhece nem a totalidade das escolhas alternativas que se lhe oferecem, nem a totalidade das consequências das diferentes possibilidades de acção) e a interferência de factores culturais, portanto determinantes, mas que os modelos tradicionais confinavam nos resíduos. Concluiu daí que o processo de decisão empresarial, na maioria dos casos não passa pela aplicação de modelos matemáticos, totalmente desconhecidos do grande público e agentes económicos. Como as decisões variam de gestor para gestor, há que ter em análise factores tais como: a idade de cada gestor, a experiência de trabalho, as condições sociais de cada região ou país, as

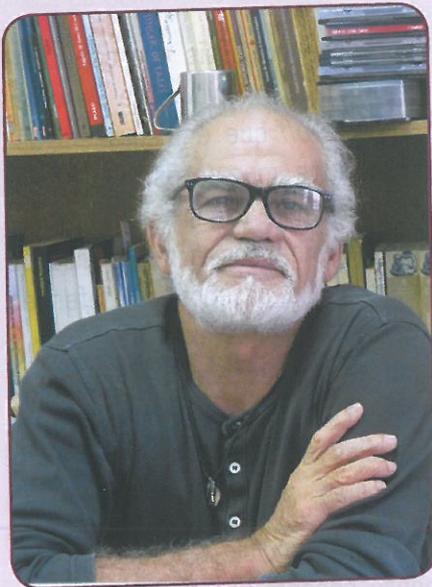
diferenças culturais e a capacidade de cada indivíduo de resolver os *trade-off* que enfrenta em determinados momentos. Aplicando, em particular, a teoria ao campo de decisões financeiras nos mercados bolsistas, o catedrático defendeu que os decisores examinam uma a uma as opções que se lhes apresentam orientando-se segundo influências culturais, psicológicas e biológicas.

Para concluir a sessão, o eminente académico convidou os discentes, futuros empreendedores e gestores, a recorrer à interdisciplinaridade, particularmente à neurociência cujo intuito tem sido ampliado para uma melhor compreensão do processo de decisões económicas.



Maio Mês de África

Por: Dr. Pedro Ângelo



Em Maio de 2012 por iniciativa da disciplina de Literaturas Oraís Africanas o curso de Línguas iniciou palestras alusivas ao dia de África que se comemora a 25 de Maio.

Nesse ano o estudante do curso de Línguas, Antunes Vunge, situou o tema tendo feito uma palestra da qual respigamos o seguinte:

“Não se sabe ao certo qual terá sido o termo que originou o actual nome de África.

Em Joseph Ki-zerbo, “A palavra África possui até ao presente momento uma origem difícil de elucidar. Foi imposta a partir dos Romanos sob a forma África, que sucedeu ao termo de origem Grega ou Egípcia, *Lybia*, país dos Lebu ou Lubin do Gênis. Após ter designado o litoral nor-

te africano, a palavra África passou a aplicar-se ao Continente, desde do fim do Séc. I a. C.”

Mas qual será a primeira origem do nome? Começando pelas mais plausíveis, pode-se dar as seguintes versões:

1 - Teria vindo do nome de um povo (berbere) situado ao Sul de Cartago: Os Afrig de onde Afriga ou Africa para designar a região dos Afrig.

2 - Uma outra etimologia da palavra África é retirada dos dois termos fenícios, um dos quais significa espiga, símbolo de fertilidade desta região, e o outro, *Pharika*, região das frutas.

3 - Seria derivado do latim *aprica* (ensolarada) ou do grego *apriké* (isento de frio).

4 - Outra pôdia ser o termo fenício *Faraga*, que exprime a ideia de separação, da diáspora. Enfatizemos que esta mesma raiz é encontrada em certas línguas africanas é o caso de Bambara.

5 - Em Sânscrito e hindi, a raiz *apara* ou *africa* designa o que, no plano geográfico, está situado “depois”, ou seja, no Ocidente. A África é um continente ocidental.

6. Uma tradição retomada por Leão, o Africano, diz que um chefe iemenita chamado *Africus* teria invadido a África do Norte no segundo Milénio

a. C. e fundado uma cidade chamada *Afrikyah*. Mas é mais provável que o termo árabe *Afrikyah* seja a transliteração árabe da palavra África.

7 - Chegou-se mesmo a dizer que “Afer era neto de Abraão e companheiro de Hércules!”

A partir do Séc. XV começou a haver trocas comerciais e diplomáticas entre povos de outros Continentes e os Africanos. Mais tarde começou uma época de colonização, isto é, segundo James Sweet em *Recrutar África*, “a primeira corrente regional que identifique é a da Alta Guiné desde 1441, quando os primeiros escravos africanos chegaram ao território português pelo Oceano Atlântico” a qual remeteu o povo africano a uma prática desumana, a mais hedionda e pesada que já existiu na terra (a escravatura).

A resistência ao sistema da escravatura teve, com Toussaint, um escravo que dirigiu a primeira revolta no campo de trabalho forçado em 1769 em Haiti, grande visibilidade e levou à sua abolição em 1836.

Mais tarde, Marco Aurélio GARVEY (1887-1940) jamaicano, principal redactor da *Declaração dos Direitos do Homem Negro do Mundo*, assim como Leon DAMAS e Franz FANNON das Antilhas, Leopoldo Sédar SENGHOR do Senegal (primeiro negro a ter uma licenciatura numa Universi-

dade de Paris) e Kwame NKRUMAH do Ghana, dedicaram grande parte da sua vida à defesa da negritude.

Com a realização da Conferência de Bandung, Indonésia, de 18 a 24 de Abril de 1955, que visava insistentemente a cedência de liberdade aos povos mais subdesenvolvidos e pobres, em que participaram mais de 24 países, para além dos organizadores e o anfitrião foi dado um grande peso e sentido à luta que se vinha fazendo até ali, fazendo com que a pedra basilar tanto para o 3º mundismo assim como para o não-alinhamento tivessem mais espaço.

Assim em consonância com a ONU efectivam-se os sete pontos fundamentais da Resolução 1514 (XV), Declaração sobre a concessão da independência a todos os países e povos coloniais, aprovada pela assembleia-geral da ONU em 14 de Dezembro de 1960 por isso, considera-se o ano de 1960 como o ano das independências de África. Ainda nesse mesmo ano, realizou-se a XV assembleia-geral da ONU e foram admitidos como membros 17 “novos” países da Ásia e da África, foi nesta Sessão da ONU em que intervieram líderes como Nasser, Nehru, Nkrumah, Sukarno e Bros Tito.

Portanto, logo após a independência de vários países africanos, à cópia da União Europeia, **criou-se a OUA, isto em 25 de Maio de 1963**, que visava a unidade e solidariedade africana, defesa e eliminação do colonialismo, soberania dos Estados africanos e integração económica, além da cooperação política e cultural no Continente.

A partir de Julho de 2002, em Durban, África do Sul, a organização continental passou a denominar-se UA, formada pelos Chefes de Estado e de Governo dos Países membros e do Conselho Executivo que é composto por Ministros ou outras autoridades designadas pelos Governos dos Estados Membros.

Actualmente, África é composta por quatro Comunidades: CEDAO, CEEAC, SADC e UMA que trabalham em estreita colaboração com a UA e a ONU.”

Também este ano, durante o mês de Maio, se homenageou África procurando enquadrar as intervenções num tema que reflectisse as marcas da cultura africana no mundo.

Na primeira quarta-feira de Maio, dia 6, o tema foi apresentado pelos estudantes do 4º Ano do curso de Línguas tendo-se questionado se os milhões de africanos que foram levados para o continente americano desde o século XVI até ao século XIX teriam sido **escravos ou adidos culturais** já que as culturas desses povos que hoje habitam a América, de Norte a Sul, ostentam traços fortes da cultura africana.

No dia 13, na mesma sala 8.07, o tema continuou a ser debatido e para melhor elucidar a questão falou-se de **jazz** um género musical da cultura dos Estados Unidos da América onde são visíveis os traços da cultura africana que, com os seus mais de quinhentos mil escravos levados para a costa leste americana na primeira década do século XIX, subverteram os conceitos ocidentais de música introduzindo duas características, o domínio do

ritmo sobre a melodia e a «pergunta/resposta» como estratégia de andamento da frase musical. Durante a sessão houve espaço para se ouvir *swing* e *blue*, dois dos géneros clássicos do jazz e música tribal de Senegal.

No dia 20, na mesma sala, o Dr. Talangó Quinga falou de Hegel e a sua perspectiva de inclusão do negro africano no desenvolvimento mundial cabendo-lhe o papel de mão de obra escrava.

No dia 27, na mesma sala, o Dr. Segunda falou de **provérbios umbundu** o que suscitou alguma controvérsia já que sendo um género da Literatura Oral Tradicional próprio para transaccionar valores é muito permeável à instrumentalização proselitista. No mesmo dia a Dra. Kossi encerrou o ciclo de palestras apresentando uma reflexão sobre o modelo de **democracia participativa** que tem raízes milenares em África, mas que somos levados a aprender a partir da cooperação com especialistas ocidentais.

Na sala 6.06, entre as 18 e as 20 horas, antecipou-se o encerramento das actividades alusivas a Maio Mês de África, com um debate orientado pelo estudante do curso de Economia, Osvaldo Manuel Paulino, sobre o **desenvolvimento sustentável**. A actividade foi acompanhada por um quarteto de metais dirigido pelo também estudante de Economia, Tomás Filipe Kambwete, que tocou vários trechos musicais do seu reportório. Dizemos que foi uma antecipação do encerramento pois esta actividade teve lugar no dia 22, mas foi a única hipótese de contarmos com o quarteto de metais de Tomás Kambwete, que muito nos honrou.



2ª Edição dos Mestrados na UniPiaget

Por: Mónica Guedes

Decorreu no dia 11 de Maio, a partir das 15h00, a Sessão Solene de Abertura da 2ª edição dos cursos de Mestrado em Finanças Empresariais, Direito na especialidade de Ciências Jurídico-Forenses e Engenharia Civil nas especialidades: I) Estruturas, Geotecnia, Hidráulica e Ambiente e II) Vias de Comunicação, Engenharia de Tráfego e Gestão.

Os três cursos resultam de uma parceria celebrada entre a Universidade Jean Piaget de Angola e a Universidade do Minho, Portugal.

O evento teve lugar no Tribunal

Simulado e contou com a participação do Pró-Reitor, Prof. Doutor Vaz Freixo, do Secretário Geral, Engº Arnaldo Santos, do Decano da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Responsável pela Área Científica da Comissão Executiva dos Mestrados da UniPiaget, o Prof. Doutor Julien David Zanzala, e do Presidente da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, Prof. Doutor Manuel José da Rocha Armada.

Em representação do Reitor da UniPiaget, o Pró-reitor deu as boas-vindas a todos os presentes e o Se-

cretário-Geral fez uma contextualização da UniPiaget de Angola.

Seguidamente, o Presidente de Escola de Economia e Gestão, Prof. Doutor Manuel Rocha Armada, fez uma intervenção apresentando a instituição que representa, a Universidade do Minho.

De referir que os Mestrados decorrem na Universidade Jean Piaget de Angola durante os dois anos lectivos e contam com a participação de especialistas angolanos e portugueses.

15º Aniversário da Universidade Jean Piaget de Angola

Por: Deula Agostinho

A Universidade Jean Piaget de Angola celebrou no dia 16 de Junho o seu 15.º aniversário. A sessão solene de comemoração aconteceu no Auditório Roberto de Almeida e foi presidida pelo Magnífico Reitor, Prof. Doutor Pedro Domingos Peterson.

O evento que teve início as 09:00 horas contou com a presença de mais de duzentas e cinquenta pessoas, das quais destacamos a presença do Dr. Francisco de Castro Maria, Presidente da 6ª Comissão da Assembleia Nacional, do Dr. António Miguel, Secretário de Estado do Ensino Superior, do

Dr. Manuel Caterça, Administrador Municipal de Viana, do Msc. José Manuel Rocha, Tesoureiro da Associação do Instituto Jean Piaget de Angola, do Sr. Paulo Silva, Gabinete Provincial da Saúde, do Dr. Pombal Mayembe, Direcção Nacional dos Medicamentos e Equipamentos, do Dr. Manuel Adão, Director Administrativo do Centro de Medicina Física, do Sr. António Correia e a Sra. Maria Cortez, da Universidade do Minho e ainda de elementos da Reitoria da Universidade.

Feita a apresentação da mesa de *Presidium*, a mestre de cerimónia, Msc. Maria Helena José, con-

vidou o coro da universidade para abrir a sessão entoando o Hino Nacional.

Abraão Franco esteve presente, enquanto Presidente da Associação dos Estudantes da Universidade Jean Piaget, durante a sua intervenção deu os parabéns à direcção da universidade pelos feitos conseguidos durante os 15 anos de existência.

“A universidade tem crescido e desenvolvido muito nos últimos tempos, estamos satisfeitos com este progresso. Do ponto de vista externo, a nossa instituição gran-





jeou nome e se tornou uma referência para muitos, digo isso com conhecimento de causa [...] Isto é bom, mas, não significa que atingimos o ápice do desenvolvimento. Temos de continuar a trabalhar para justificar o nome conquistado no panorama académico. Porque ganhar o nome é fácil, o difícil é mantê-lo.”

O representante dos estudantes aproveitou o momento para apelar à mudança de consciência dos seus colegas.

“Manifestamos igualmente a nossa preocupação pelo comportamento negativo adoptado por alguns estudantes e apelamos mais uma vez à mudança de consciência. A universidade é um património de todos nós, por isso merece o respeito e a protecção de todos [...] O estudante universitário no meio da sociedade deve identificar-se através do seu bom comportamento. Lembrem-se que é necessário protegermos a nossa Instituição porque ela será útil amanhã para os nossos irmãos e não só.”

Aos docentes o estudante solicitou um maior compromisso com o ensino e lembrou-lhes sobre a importância da actualização constante. Paraphrasing the Magnificent Rector, Prof. Doutor Pedro Domingos Peterson, realçou o seguinte: «Os conhecimentos adquiridos hoje, podem não ser úteis amanhã, por isso, devem ser constantemente actualizados, a ciência é dinâmica».

“Não limitem-se apenas a transmitir conhecimentos, tirem alguns minutos das vossas aulas para lições de moral, moldando desta forma a conduta dos estudantes, é preciso formar quadros íntegros, caso contrário não estariam a cumprir a vossa tarefa com plenitude. Senhores professores sejam fontes de influências positivas, porque o estudante de hoje, é o professor do seu filho amanhã. Tenham muito cuidado com o que nos ensinam e os actos que praticam dentro e fora da instituição, porque os transmitiremos também aos vossos filhos.”

Segundo o presidente a melhor preparação para um bom trabalho amanhã está em fazer um bom trabalho hoje.

“À Direcção da universidade pedimos mais atenção e colaboração com todos que fazem parte dela, como diz Henry Longfellow: «toda a vossa força está na união, todo o vosso perigo está na discórdia». A lealdade estimula a unidade e a unidade produz o sucesso. Viva a Piaget, Viva Angola, finalizou.”

Feita a primeira intervenção, a mestre de cerimónia convidou o grupo de teatro, para a primeira actuação cultural. O grupo constituído por estudantes fez uma homenagem a Jean Piaget, com a peça intitulada **O Cientista e a Universidade**.

Mensagem de Boas Vindas do Magnífico Reitor

Seguiu-se a intervenção do Prof. Doutor Pedro Domingos Peterson, que começou por dar as boas vindas a todos os presentes.

“Quando foi lançada a primeira pedra, para erguer o primeiro bloco desta Instituição, os trabalhadores, maioritariamente oriundos do Município de Viana, diziam então: «Este projecto é nosso, é o nosso projecto...» Como então constatamos, houve por parte dos trabalhadores, desde as primeiras horas de edificação da universidade, uma considerável adesão, como uma afirmação e satisfação de permanecerem a um projecto



que sabíamos à partida ser muito ambicioso.”

Segundo o reitor os trabalhadores tinham razão e hoje, o que era apenas um projecto tornou-se uma realidade que enche a todos de orgulho, pois se revelou como um empreendimento de grande mérito social e cultural para Viana e para a sociedade angolana em geral.

“Coincidentemente, esta data, 16 de Junho, é o dia da Criança Africana. Para nós enquanto país, avós e educadores, esta coincidência, é uma alegria redobrada. [...] Desde muito tempo da sua existência a Instituição acredita no futuro do país e na sua juventude. O seu escopo principal, obviamente, é a formação com qualidade de jovens angolanos no sentido de poderem participar activamente no desenvolvimento económico, social, técnico e científico da sociedade a que pertencem:”

Continuando, Pedro Peterson disse que a criação da Universidade Jean Piaget de Angola veio complementar os esforços do Governo na

formação de técnicos superiores angolanos, que tão necessários são para a reconstrução do país.

“A grandeza de uma instituição está nas pessoas que a constituem e na capacidade que elas possam colocar no desempenho das suas tarefas [...] na nossa universidade, graças ao trabalho de todos sem distinção das tarefas que cada um possa desempenhar, conseguimos hoje atingir um patamar elevado de desempenho, o que leva a termos uma grande procura por parte da nossa juventude. Neste momento o número dos nossos estudantes, ultrapassa os 10 mil que se reparam pelos 16 cursos que temos em funcionamento. Se tão elevado número de estudantes nos procuram, devemos todos ficar muito reconhecidos e gratos porque isso significa que à nossa instituição é reconhecida qualidade e tal significa também que todos temos trabalhado de forma a merecer essa preferência.”

O reitor afirmou, ainda, que o crescimento progressivo da universidade constitui uma respon-

sabilidade ao nível dos órgãos executivos e de toda comunidade da Instituição.

“Sendo uma micro sociedade, a universidade enferma de alguns males desta Sociedade que é preciso combater energeticamente com apoio de todos os estudantes e professores, e também da Liga de Estudantes. Desta feita, exige-se um sistema de segurança redobrado a todos os níveis, pois os estudantes são a razão da nossa existência enquanto instituição. Já é nossa tradição que, nesta data, se distingam estudantes, professores e trabalhadores que mais se tenham destacado, hoje não nos vamos esquecer de tal prática que, embora distinguindo pessoas singulares, pretende-se homenagear os nossos trabalhadores na globalidade.”

Finalizando, o Académico saudou os estudantes, os professores, o pessoal não-docente, os parceiros, o Coro, o grupo de Teatro, o grupo de Dança e de Desporto da universidade. “Temos um caminho sempre exigente mas o mais importante, senhoras e senhores, é caminharmos juntos de mãos dadas”, disse.

Feito o discurso de boas vindas, seguiu-se o momento de poesia. Foram declamados três poemas: **Eu Sou**, da autoria e declamado pelo estudante Felizardo Valentim; **Partindo é que Chegamos**, da autoria do escritor António Oliveira Cruz, declamado pela estudante Clepsidra Gonçalves e Piaget, da autoria

e declamado pelo estudante Mariano Correia.

Durante a cerimónia foram distinguidos os trabalhadores não docentes que melhor se destacaram no ano de 2014, os estudantes finalistas que, no ano lectivo passado, tiveram as médias mais elevadas e destacou-se também as equipas desportivas, vencedoras do Campeonato Universitário 2014, bem como os estudantes vencedores da 5ª Edição do Prémio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável.

Melhores trabalhadores não docentes que mais se destacaram em 2014: Sra. Tânia Rocha, do Gabinete de Sumários; Sra. Clepsidra Gonçalves, do Secretariado Académico; Sr. Marcelino Matamba, da Secretaria Pedagógica; Sr. Nelson Armando Diogo, da Tesouraria; Sra. Rosa Lutucuta, dos Laboratórios; Sras. Maria Teresa Mbala e Marquinha Mateus Manuel, do secretariado; Sra. Berta Manuel Bala, das Residências; Sr. Sebastião Albano, do DPO; Sr. Gideon Joanes, da Jardinagem; Sr. Castelo Tunga Miguel, dos Transportes e por último a Msc. Maria Helena José, Decana da Faculdade de Humanidades Artes Educação e Formação de Professores.

Melhores estudantes finalistas de 2014, por faculdades: Sr. Adilson Luvumbo Sam-Diamba, curso de Engenharia de Eletromecânica, média 14,8 valores; Sr. Cláudio Ambrósio Kitamba, curso Direito, média 14, 8 valores; Sr. Vasco

Manuel Gouveia Preto, curso de Medicina, 16,6 valores; Sra. Weza Arnaldina Malamba, curso Ensino do Português e Línguas Nacionais, média 14,0 valores.

Equipas desportivas destacadas, vencedoras do Campeonato Universitário – FANDU 2014: Andebol Feminino, medalha de ouro; Futebol Onze, medalha de ouro; Futebol de Salão, medalha de prata; Voleibol Feminino, medalha de prata.

Estudantes destacados, vencedores da 5ª Edição do Prémio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável: Sr. Lorival Santana Jorge Afonso e Sra. Madalena da Fonseca Fernandes, finalistas do curso de Eng.º de Refinação em Petróleo.

Como já vem sendo habitual, neste tipo de eventos, o programa incluiu a actuação do Coro, que abrilhantou o momento com várias obras do seu repertório, do Colectivo de Artes e do Grupo de Dança da universidade. A cerimónia culminou com o almoço festivo às 12:00.

Mensagens de Saudação



“Quem como eu conheceu o Município de Viana há muitos anos, nunca iria imaginar que esta instituição iria existir e crescer do jeito que cresceu. Quero em nome dos deputados da 6ª Comissão dar os meus parabéns a todos que direc-

ta ou indirectamente contribuíram para a formação do homem novo em Angola. Que essa casa venha renovar ideias e trilhar por muito tempo o caminho do progresso. A Piaget é sem dúvida alguma uma figura incontornável para Viana, prova disso é que o bairro ficou conhecido como o do Piaget”, disse o **Deputado Francisco de Castro Maria**.



“É surpreendente ver o auditório, e chegamos a conclusão que estamos a cumprir bem

uma das recomendações da juventude presente no Plano Nacional de Formação Quadros. Ouvimos atentamente a intervenção do presidente da Associação dos Estudantes e destacou-se que a UniPiaget tem um bom ensino pelos resultados obtidos nos Concursos Nacionais, o que demonstra que das várias instituições de ensino existentes ela tem procurado ganhar destaque. Porém não podemos parar por aqui, devemos trabalhar cada vez mais para atingirmos maiores resultados. A nossa tarefa é desenvolver o país com nível de conhecimentos adequados em todas as esferas. Somos nós, os angolanos, que devemos desenvolver Angola e para isso precisamos ter o espírito de patriotismo, ganhar consciência e responsabilidade”, disse o **Secretário de Estado António Miguel**.

Presidente da Associação dos Estudantes da UniPiaget

Por: Mónica Guedes



“A minha visão sobre o associativismo estudantil é de verdadeira preocupação. O facto de existir, isto representa um dado positivo, mas mais do que existir é preciso agir, e para agir é preciso uma certa liberdade, e essa liberdade de agir, muitas associações não têm, infelizmente, estão totalmente dependentes das instituições a que estão integradas.”

Defendeu recentemente a sua monografia com classificação de 16 valores. Qual foi o tema escolhido?

Quero em primeiro lugar agradecer à revista Ecos Piaget, por facultar-me uma vez mais esta oportunidade de poder falar acerca de tudo um pouco atinente àquilo que foi a minha vida académica não só como Presidente da Associação dos Estudantes, mas também, como estudante, particularmente falando.

O tema escolhido aquando da conclusão da minha licenciatura foi, «O Princípio do Contraditório como um dos Requisitos para a Busca da Verdade no Processo civil angolano».

Como foi conciliar os estudos e a direcção da Associação dos Estudantes?

Conciliar os estudos com a direcção da associação de estudantes, como podem imaginar, não foi tarefa fácil na medida em que a formação superior exige muito de nós. Frequentar o ensino superior impõe a abdicação das demais tarefas menos importantes ou ainda que sejam importantes, não mais importantes que o estudo. Partindo do pressuposto de que qualquer auto-determinação é ao mesmo tempo uma auto-limitação, isto é, a pessoa ao escolher uma coisa deve menosprezar as outras. Mas não foi o meu caso, eu tive de fazer diferente, tomar duas tarefas de grande dimensão ao mesmo tempo. Quando assumi a presidência, houve de facto momentos em que tive enormes dificuldades em separar e equilibrar as coisas, tanto é que no 4º ano, baixei consideravelmente de rendimento. Fui severamente criticado pelos meus professores e colegas que manifestavam alguma tristeza pelos resultados magros, dado que

para muitos, sempre fui um modelo de estudante a seguir. Fiquei envergonhado em encarar os meus colegas com aqueles resultados. Lembro-me como se fosse hoje, o Dr. Adalberto Luacuti, chamava-me a atenção pela decisão que eu acabara de tomar, que consistia em assumir a presidência da associação de Estudantes. Ele fez questão de alertar-me sobre as consequências que a mesma decisão traria para a minha formação. O dito foi certo. Parecia até uma profecia. Dr. Luacuti sempre achou que eu estava a fazer uma boa trajectória na academia, por isso entendia que eu deveria dedicar-me apenas à formação... Fui um pouco teimoso, porque baixei de rendimento e fiquei um pouquinho preguiçoso. Quero aproveitar esta oportunidade para agradecer de coração a consideração que tem por mim e peço as minhas sinceras desculpas pela resistência que apresentei em relação ao seu posicionamento sobre a minha ascensão na associação de estudantes, foi, é e continuará a ser um mestre para mim. Prometo que vou seguir os seus conselhos, em estudar e investigar muito.

Mas aprendi, muito, com a Associação de Estudantes. Aprendi a ser um líder, apesar de ter sido uma experiência diferente das anteriores,

consegui posteriormente encaixar-me e superei todas as dificuldades no 5º ano, e terminei com um resultado fabuloso, mas isto não significa que eu tenha sido o melhor, porque entendo que o que aprendi durante a licenciatura, é demasiado pouco em relação ao muito que tenho por aprender.

Com a colaboração de todos tudo é possível, diz John C. Maxwell (Especialista em liderança): colaboração é multiplicação. Quero partilhar a seguinte máxima com os leitores: «toda a vossa força está na união, todo o vosso perigo está na discórdia», de Henry Longfellow.

Foi necessário muita colaboração para superar as dificuldades por que passei. Houve momentos em que fiquei sozinho na associação, porque os demais resolveram sumir e desistir.

Qual é a sua visão sobre o Associativismo Académico?

A minha visão sobre o associativismo estudantil é de verdadeira preocupação. O facto de existir, isto representa um dado positivo, mas mais do que existir é preciso agir, e para agir é preciso uma certa liberdade, e essa liberdade de agir, muitas associações não têm, infelizmente, estão totalmente dependentes das instituições a que estão integradas.

Entendo que, o que está na base disso, é a falta de uma base sólida e de autonomia financeira. As associações precisam criar mecanismos que lhes permitam criar igualmente fontes de receitas permanentes para

a consecução das suas actividades e não só. E isto passa necessariamente, numa primeira fase, pela organização interna e criação de uma política financeira interna, isto é, identificar devidamente os associados e outros, e proceder à cobrança de quotas mensais. Alguns estudantes infelizmente ainda não sabem e nem têm noção da utilidade de uma associação de estudantes, e por conta disso deixam de prestar o apoio que deviam prestar-lhe. Uns só querem saber de benefícios, outros nem por isso.

Sobre isso devo dizer aos estudantes que uma associação de estudantes é uma organização integrada por estudantes a título voluntário, porque ela visa fins não lucrativos e tem como objectivo a defesa dos interesses legítimos da classe.

Qual é o ambiente que se vive entre as Associações de Estudantes?

O ambiente que se vive entre as associações de estudantes, é de paz e harmonia e de verdadeira solidariedade. Há muita união e colaboração.

É possível apresentar o balanço dos dois anos como Presidente da AE?

É tão-somente possível apresentar de uma forma lacónica na medida em que está em curso a realização do mesmo. Mas devo desde já adiantar que os dois anos foram positivos na medida em que atingimos cerca de 85% dos objectivos preconizados no plano de acção divulgado aquando da campanha eleitoral.

Conseguimos aproximar todos os estudantes, por intermédio dos

delegados que formavam um dos mais importantes órgãos da associação dos estudantes, o «Conselho Académico Alargado», que se reunia periodicamente para analisar a vida interna dos estudantes na instituição e de lá saíam recomendações que eram encaminhadas para a Direcção da universidade para apreciação e possível resolução. Durante estes encontros mantidos com os delegados, muitas situações atinentes a comportamentos de estudantes e professores eram apresentadas para uma melhor avaliação pelos órgãos da instituição.

Durante este período a nossa actuação esteve muito voltada para a situação interna, isto é, estávamos mais preocupados com o bem-estar dos estudantes dentro da instituição, desde o ambiente académico e a prestação do corpo docente no processo de ensino e aprendizagem. Também, foi nosso papel alertar os estudantes sobre comportamentos indecorosos e pouco salutar para o ensino. Em suma, os objectivos foram atingidos.

Acções cívicas foram desenvolvidas no sentido de moldar a conduta não só dos estudantes, mas também de todos aqueles envolvidos com a instituição.

Em tempo oportuno faremos chegar na íntegra o balanço sobre os dois anos do nosso mandato.

Quanto à relação com a direcção da Universidade, é de salientar que foi das melhores. Tudo o que a associação dos estudantes fez durante este período teve o apoio exclusivo da Universidade. Houve de facto vontade da

parte da universidade em ouvir-nos sempre que tivéssemos uma inquietação. A abertura foi tão grande, de tal modo, que era sempre fácil e possível estabelecer qualquer contacto.

Como foi a experiência de ser Presidente da AE?

Foi uma experiência única. Ser presidente, por incrível que pareça é, ser o objecto de estudo e de muita atenção para muitos, por isso, todo cuidado é pouco.

Vivi durante este período, momentos marcantes, mas também saboreei momentos amargos. Mas, honestamente falando, tive mais momentos bons que maus. Observou-se uma boa interacção entre mim e os estudantes.

Há alguma situação que o tenha marcado?

Sim. Do positivo, a forma tão simples e clarividente de como o Magnífico Reitor, o Professor Doutor Pedro Domingos Peterson, lida com as pessoas e os assuntos académicos. É uma pessoa muito afável e humana.

A simplicidade e abertura do Pró-reitor, Professor Doutor Vaz Freixo, e claro não esquecendo do Vice-reitor, professor Doutor Manuel Correia.

O negativo: a arrogância e a falta de humildade de alguns professores...

Na sua opinião, quais são as características que deve ter um presidente da AE?

Humildade, dinamismo, espírito de trabalho em equipa, exemplo de valores, rapidez em ouvir e vagaroso em decidir.

Terminou a sua licenciatura. Quais são as suas perspectivas em termos profissionais e académicas?

Do ponto de vista profissional, a perspectiva é abraçar a docência e o exercício da advocacia em primeira instância. Sei que durante a desenvoltura da minha actividade profissional várias oportunidades poderão eventualmente surgir. Mas, é importante salientar que a prioridade neste momento é a docência e advocacia.

A docência universitária é um sonho para mim. Durante a minha licenciatura a preparação foi a dobrar porque ao mesmo tempo que estudava para concluir a mesma, preparava-me para a docência e a advocacia. Só para terem uma ideia do quanto tenho vindo a me sacrificar para alcançar a minha meta, durante a licenciatura, eu fazia em média 8 a 10 horas de leituras diárias, entrava na biblioteca às 8 ou 9 horas e saía de lá às 17h, e dirigia-me para a sala de aulas. Depois das aulas, em casa continuava com as leituras, procurando completar o resto do tempo. E só assistia ao noticiário as zero horas. Tinha pouco tempo para comer, alimentei-me mal, no sentido de que perdia a hora das refeições porque quando começasse a ler, esquecia-me de tudo. Estudar no período nocturno foi opcional porque queria ler o dia todo e fazer apanhado da matéria à noite.

Portanto, tudo isso deveu-se aos meus bons intentos...

Diz Albert Einstein «Se quiser ser uma pessoa feliz, apegue-se a

uma meta e não a pessoas ou coisas», daí que a docência e a advocacia, conformam a minha meta. Gosto de ensinar, gosto de ajudar a transformar conhecimentos. E, para todos efeitos, quero dizer que vou começar pela minha Universidade, isto é, a Universidade que me formou, porque seria de todo injusto, se depois de formado fosse realizar este sonho numa outra instituição em primeira mão, para mim faz pouco sentido, a menos que não houvesse essa abertura. Mas, para o meu caso felizmente, já tenho o convite do Magnífico Reitor, do Pró-reitor, o Coordenador do Curso de Direito, Dr. Luciano Tânio da Silva, mostra-se interessado em ter-me como docente. A todos estes, devo dizer que ao ser admitido, assumirei com zelo e dedicação a responsabilidade que me propõem. Prometo não defraudar a confiança que depositam a mim.

Aos meus mestres, Dr. Yuri Nicolau Ernesto Pascoal, Dr. Emília Zaila, Dr. Edgar Escola, Mestre Adalberto Luacuti, Dr. Ângelo Abel Sapingala e outros, afirmo com tamanha propriedade que, como docentes os tenho e terei como modelos e precisarei muito dos vossos préstimos.

Do ponto de vista académico, o objectivo é avançar, pretendo dar continuidade com a formação, já não dá para parar, atendendo à responsabilidade que pretendemos assumir, da docência, é preciso investir mais no nível de formação e é esta a próxima meta.

Em suma obrigado por mais uma oportunidade, Ecos Piaget.

Semana das Portas Abertas da UniPiaget

Por: Deula Agostinho

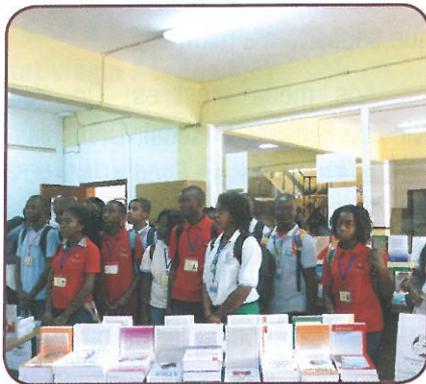
No âmbito das comemorações do seu 15^o aniversário, a Universidade Jean Piaget de Angola realizou de 09 a 15 de Junho de 2015 a “Semana das Portas Abertas da UniPiaget”. A actividade teve como objectivos aproximar a universidade da comunidade e dar a possibilidade aos alunos finalistas de várias instituições de ensino secundário de conhecerem as instalações da UniPiaget.

Durante as visitas, os alunos aproveitaram a oportunidade para conhecer os laboratórios e esclarecer algumas dúvidas sobre os diferentes cursos ministrados na universidade. Participaram da actividade mais de cento e setenta alunos, provenientes do município de Viana e não só.

As questões apresentadas pelos alunos estiveram em torno dos seguintes temas: Cursos ministrados (duração e disciplinas

nucleares); Corpo docente; Qualidade dos laboratórios; Bolsa de estudo interna; Extensão da universidade em outras províncias; Perfil do estudante universitário; Gabinete de apoio ao estudante; Grau de empregabilidade dos licenciados; Parcerias e Estágios.

Visitaram a UniPiaget quatro instituições de ensino médio, nomeadamente, o Complexo Escolar Eliada, o Colégio Darcan, o PUNIV do Cazenga e o Colégio BANA.



Ciclo de palestras para Engenheiros

Por: Mónica Guedes



A petrolífera *Weatherford Services Limited Angola* levou a cabo um ciclo de palestras na UniPiaget direccionado aos estudantes do 1º ao 5º anos e aos docentes dos diversos cursos de Engenharia.

Estas palestras resultam do acordo de cooperação celebrado entre as duas instituições, no final de 2014, que visa promover a formação académica e profissionalizante.

Ao longo das três sessões, que decorreram nos dias 29 de Abril, 13 de Maio e 17 de Junho, os especialistas da *Weatherford* deram a conhecer a empresa, as suas áreas de actuação e as oportunidades de carreira.

Dando cumprimento ao estabelecido no memorando de cooperação, a petrolífera vai atribuir duas bolsas de estudo a estudantes da UniPiaget. Também em Julho, um grupo de quarenta estudantes fina-

listas dos cursos de Engenharia de Informática de Gestão, Engenharia Electromecânica, Engenharia de Pesquisa e Produção de Petróleos e Engenharia de Refinação realizarão uma visita de estudo à empresa, sediada em Viana.

A cooperação da *Weatherford Services Limited Angola* com a UniPiaget consiste no desenvolvimento das seguintes acções conjuntas:

- Fornecer técnicos especializados que possam palestrar nos semi-

nários, na UniPiaget e/ou nos centros da *Weatherford*.

- Facilitar a realização de estágios e visitas de campo à sua empresa.
- Oferecer bolsas de estudo para alguns estudantes seleccionados a nível de licenciatura (internas), mestrado e doutoramento.
- Ajudar na melhoria da rede internacional da Universidade Jean Piaget e, sempre que possível, estabelecer contactos que possam ajudar a melhorar a transferência de conhecimento.

A *Weatherford Services Limited Angola* é uma sucursal detida integralmente pela *Weatherford International*. A empresa presta serviços de perfuração, avaliação, completação, produção e intervenção ao sector petrolífero em Angola para vários clientes em diferentes blocos *onshore* e *offshore*.



Estudantes da Piaget vencem Prémio Odebrecht 2014

Por: Mónica Guedes



Os estudantes da UniPiaget Lorival Santana Jorge Afonso, do 5º ano de Engenharia de Refinação de Petróleos, e Madalena Manuela da Fonseca Fernandes, finalista do curso de Engenharia de Refinação de Petróleos, foram os vencedores da 5ª edição do Prémio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável.

“Aproveitamento do Plástico Reciclado para Implementação no Asfalto” foi o projecto submetido ao concurso pelo Lorival Afonso, sob a orientação da Dra. Sónia Paim.

A estudante Madalena Fernandes concorreu ao prémio com o projecto “Biodigestão das lamas oriundas das valas de drenagem para produção de fertilizante agrícola e geração de biogás” sob a orientação da Dra. Albertina Canda.

A cerimónia da entrega dos prémios realizou-se no dia 22 de Abril,

no Hotel Epic Sana, em Luanda, e contou com a participação de representantes das Universidades, do Governo, da Imprensa, Estudantes, Professores e demais convidados. Da Universidade Jean Piaget estiveram presentes o Magnífico Reitor, o Decano da Faculdade de Ciências e Tecnologias, estudantes que concorreram e os seus orientadores.

Nesta edição foram registadas 106 inscrições no portal do prémio, 45 trabalhos/projectos apresentados e avaliados, número superior ao da edição anterior. Participaram somente as universidades das províncias de Luanda, Huíla e Huambo, e, pela primeira vez, o Instituto Superior Militar.

Os trabalhos apresentados foram avaliados tendo em conta o seu conteúdo, clareza, fundamentação, profundidade, contribuição, técnica, aplicabilidade e apresentação.

Idealizado pela Construtora Norberto Odebrecht S.A., o Prémio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável teve início no ano 2008 no Brasil. Esta iniciativa, rapidamente se estendeu ao Perú, Venezuela e Angola. O prémio tem como principais objectivos estimular a geração de conhecimento sobre temas relacionados com a contribuição da engenharia para o desenvolvimento sustentável e difundir tais conhecimentos junto da comunidade académica angolana e da sociedade em geral, inserindo-se num amplo programa da Odebrecht de relacionamento com as Universidades. Em Angola a 1ª edição aconteceu em 2010.

O concurso, dirigido aos jovens universitários que estudam nas universidades angolanas, realiza-se anualmente e versa sobre o tema “Contribuições da Engenharia para o Desenvolvimento Sustentável”.

Entrevista ao vencedor do Prémio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável 2014, Lorrival Santana Jorge Afonso.

- Porque resolveu participar no concurso do Prémio Odebrecht?

O prémio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável já faz parte dos objectivos a alcançar para a maior parte dos estudantes de Engenharia em Angola. Sendo eu um estudante finalista não deixaria de participar. Assim sendo resolvi participar porque quis dar a minha contribuição para o desenvolvimento do meu País, testar os meus conhecimentos sabendo que estariam a concorrer estudantes de várias universidades angolanas e o principal motivo: eu amo falar, pensar sobre o Ambiente.

Como surgiu o tema?

(risos) O tema surgiu de uma maneira muito peculiar. Estava eu em minha casa num sábado vendo um programa de TV que muito gosto denominado *Caldeirão do Huck*. Neste

programa há um quadro denominado JOVENS INVENTORES e nesse dia estavam duas jovens que apresentaram um projecto *Asfalto de Plástico Reciclado*, 100% plástico, estavam lá jurados com conhecimento do assunto e foram dando as suas opiniões e fazendo as devidas correcções. Foi nestas correcções que tive a ideia de fazer o meu projecto usando apenas uma pequena quantidade ou percentagem de plástico com maior parte de asfalto. Quando tive a ideia depois ganhei mais motivação ainda de ir até ao fim, porque sabia que iria contribuir para a redução de plástico que é descartado incorrectamente nas ruas da cidade de Luanda e também resolver o problema do pavimento que é colocado em Angola. Este projecto visa melhorar as especificações do asfalto dando maior resistência e durabilidade, ductilidade e menor penetração.

Quanto tempo demorou a elaborar o trabalho?

Graças a Deus, sempre tive e tenho uma grande paixão em elabo-

rar projectos ou trabalhos e desde muito cedo vinha fazendo isso. Então fui ganhando habilidade no assunto. Mas este projecto fiz em apenas 3 meses, pois decidi tardiamente concorrer ao prémio e já me restava pouco mais de 2 meses.

Que avaliação faz desta experiência?

A melhor possível, fui bem tratado pelos organizadores do prémio desde a fase da elaboração. Sempre que tinha dúvidas, ligava e o senhor Isidro Lopes estava sempre bem disposto em ajudar esclarecendo todas as dúvidas sobre os requisitos do prémio. Obtive grandes lições de fé, pois era preciso confiar não só em mim, mas principalmente em Deus todo Poderoso, pois muitas vezes queremos alcançar coisas sem esforço e neste tipo de prémio aprendi que era preciso me empenhar bastante para alcançar o meu objectivo.

Encontrou dificuldades para a sua execução?

Graças a Deus não encontrei dificuldades na elaboração do meu projecto. Meu Deus foi abrindo as portas e janelas que eu precisava, pois eu precisava, depois da parte teórica, materializar a minha ideia para ver se realmente na prática era viável ou não. Para isso precisava de um laboratório que me fornecesse todos os materiais e produtos e ainda equipamentos para a caracterização depois da implementação. A primeira porta a que fui bater foi a do INEA (Instituto Nacional de Estradas de Angola),



aqui em Luanda. Fui bem recebido e logo se disponibilizaram em me ajudar com tudo, só que naquela fase as instalações de Luanda estavam em reabilitação, mas o director foi tão generoso que logo teve a ideia de me encaminhar para a fábrica de Benguela e lá fui; fiquei uma semana, tendo todo o apoio. Assim, eu repito e volto a mencionar meu Deus como o meu grande Guia neste projecto.

- Qual foi a sensação que teve quando anunciaram que era o vencedor?

(Risos) Sem palavras, não tem como descrever mesmo. Mas vou tentar, dizendo que foi um sonho realizado, sentia tanta coisa que não cabia em mim. Era uma miscelânea de muita felicidade, gratidão ao meu Deus, sentia que os meus pais (Santana Afonso e Antónia Afonso) e irmãs (Marlene, Deodeth, Elyete, Miriam, Ademir e Antoniel), namorada (Nair Cândido), amigos estivessem lá para juntos festejarmos.

- Quer deixar algum conselho para aqueles estudantes que quiseram concorrer a este prémio?

Deixo como conselho primeiro: que todos os estudantes que queiram participar tenham grande conhecimento sobre o que é Sustentabilidade, Degradação do meio ambiente e Ecologia. Segundo, que façam um trabalho com muitas tabelas, gráficos, imagens de campo ou da fase prática, que façam discussão dos resultados e que sigam na íntegra todos os requisitos e normas de elaboração do projecto que o prémio disponibiliza. E que não deixem de buscar a Deus. Isso será o diferencial.

Resumo do Projecto

As indústrias de água mineral e química geram toneladas de resíduos plásticos no nosso país, maioritariamente termoplásticos, estes possuem propriedades que facilitam o processo da reciclagem, por serem polímeros termoplásticos, ou seja, na presença de calor, tornam-se fusíveis e solúveis,

viabilizando seu reuso no processo industrial. Com um mundo cada vez mais preocupado com a degradação do meio ambiente, autoridades internacionais vêm pesquisando maneiras de amenizar os efeitos ambientais causados pela displicência humana. Este projecto apresenta um estudo, e uma possível solução, para esse contexto. Espera-se, com o estudo da incorporação de resíduo plástico ao asfalto, o resultado dessa mistura assegure um material muito mais durável, e de melhor qualidade, o Asfalto plástico. Através da avaliação de suas propriedades físicas antes e após o processo de incorporação, obter uma alternativa para o uso deste resíduo, evitando, desta forma, seu descarte ecologicamente incorrecto nos aterros sanitários. A incorporação visa, também, a obtenção de novas propriedades físicas que possibilitarão a utilização de um asfalto mais resistente. Porém o alto custo em relação ao asfalto convencional (AC), e a falta de mão de obra qualificada ainda são empecilhos para sua ampla adopção.



Entrevista a Madalena da Fonseca Fernandes, vencedora do Prémio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável 2014. Realizou o projecto em conjunto com Melquilde Wanderley Martins Neto.

- Porque resolveram participar no concurso do Prémio Odebrecht?

Resolvemos participar no concurso do Prémio Odebrecht a fim de responder ao convite da nossa professora e orientadora, Dra Albertina Canda, que estava preocupada com situação das lamas nas periferias da cidade capital e seus consequentes problemas para a saúde e o meio ambiente.

- Como surgiu o tema?

O tema surgiu da necessidade de indicar essencialmente aquilo que havíamos de abordar, isto é, tratar as lamas originárias das valas de drenagens, por digestão anaeróbica e mencionar as suas vantagens bem como o destino a dar-lhe, a fim de mostrar o quão interessante é o projecto e também captar a atenção das pessoas.

- Quanto tempo demoraram a elaborar o trabalho?

O trabalho demorou aproximadamente três meses para ser elaborado. Começámos em meados de Setembro de 2014 e terminámos no final de Dezembro do mesmo ano. De realçar que no ano anterior (2013), já tínhamos concorrido ao Prémio, no entanto, não tivemos sucesso. Por esta razão, desta última vez, não começámos do zero, melhorámos muito o projecto anterior, inclusive o tema, o modo de tratamento das lamas (anteriormente, utilizámos a

digestão aeróbica), investigámos mais bibliografia e procurámos seguir à risca as normas do Concurso para formatação do projecto; e valeu a pena.

- Que avaliação fazem desta experiência?

Foi uma experiência muito boa, gratificante, pudemos aprender bastante, sobretudo porque aplicámos na prática aquilo que temos aprendido na sala de aulas. É sempre óptimo trabalhar em grupo, aprendemos muito um com outro. Como diz o velho ditado, *duas cabeças pensam melhor que uma*. De dizer, em particular, que foi um prazer imenso trabalhar com meu grande amigo Melquilde Neto, um génio e que, no entanto, não deixa a simpatia e a humildade de lado.

- Encontraram dificuldades para a sua execução?

A principal dificuldade que encontramos para a execução do nosso projecto foi o clima, era época chuvosa, fazia pouco sol, e o processo de biodigestão carece de temperatura ideal.

- Qual foi a sensação que teve quando anunciaram que eram os vencedores?

Infelizmente, o Melquilde não se fez presente na gala de premiação.

Quanto a mim, a primeira emoção que tive foi o prazer de amar e servir a Deus e de que Ele é demasiado Fiel, e os que Nele confiam jamais serão decepcionados, e os que o Seu nome invocam serão salvos.

- Querem deixar algum conselho para aqueles estudantes que queiram concorrer a este prémio?

Que se esforcem, lutem pelos vossos sonhos, tudo é possível àquele que crê; não desistindo com facilidade, pois sempre haverá pedras no caminho, não desanimem. Procurem seguir rigorosamente cada norma do Prémio, insiram imagens, quadros, gráficos e tabelas no projecto; não façam um projecto teórico pois o Concurso exige projectos práticos e exequíveis.

Mas o mais importante de tudo, é sempre ter Jesus Cristo ao lado, Aquele que tudo pode e nos ama mais do que nós mesmos, e tudo resto nos será acrescentado. Aleluia, toda glória e toda a honra a Ele!!

Resumo do Projecto

Este projecto visa contribuir nas áreas de agricultura, saúde pública, ambiente e cidadania, tendo como linha de acção, aproveitar as lamas acumuladas nas valas de drenagem a céu aberto, para fertilizante. A recolha das lamas levará, automaticamente, à limpeza das mesmas valas e ao pré-tratamento das próprias águas residuais mesmo sem implantação de um sistema convencional de tratamento daquelas águas via Estação de Tratamento das Águas Residuais. Pelo que o trabalho consistirá na preparação de fertilizante e produção de biogás, e o consequente tratamento das águas residuais. Isto conduzirá à eliminação de odores desagradáveis que contaminam o ar; à redução no processo de reprodução de mosquitos; e na carga contaminante rejeitada para os recursos naturais (rios e mares).

Novas e velhas tecnologias de ensino

Por: MSc. Maria Helena José, Decana da Faculdade de Humanidades, Artes, Educação e Formação de Professores



A problemática das Novas e Velhas Tecnologias no ensino é remota. Gritante é a dicotomia do uso das mesmas no acto educativo, cujos feitos alteraram o *modus vivendi e operandi do homo sapiens*.

A dinâmica das novas tecnologias de comunicação e de informação (TICs) é feroz. A sua propagação atinge, ainda que silenciosamente, o tecido social das Nações independentemente da sua localização geográfica. O desafio maior está na escola que tradicionalmente era o espaço do conhecimento, do ensino e da

aprendizagem que a par da família e do meio, acupulados aos factores hereditários, transmitiam valores para a formação integral do indivíduo.

As TICs são omnipresentes. Os métodos e os processos de aquisição dos conteúdos são adquiridos por um "clique". O Espaço e o Tempo, o Mestre e o Livro não são factores impeditivos para o desenrolar do ensino que resulta do contacto, do uso (in)consciente e responsável entre a máquina e o utente. Forma-se um "novo" homem cujos conhecimentos contribuem para o progresso e bem-estar da humanidade.

O homem é um ser social e sociável. Os hábitos e os costumes, o amor, a solidariedade, a fraternidade, a ternura, a cumplicidade, o respeito pelo próximo, o direito à vida e outros valores

são transmitidos com o contacto, ouvindo-estando-fazendo, em permanente interaccionalidade com o professor, o aluno, a escola e pares. A máquina, as novas tecnologias, apesar das suas potencialidades, jamais substituirão os professores na actividade educativa. Ao contrário, a sociedade estaria a criar um novo ser, que Philippe Breton apelidou de *Homo Communicans* fruto das transformações comunicacionais, cuja racionalidade é exercida de fora para dentro. Um ser sem segredos, nem emoções, um ser sem interioridade.

A coabitação entre as novas e velhas tecnologias é benéfica para o acto educativo. Bem utilizadas e entrosadas é um instrumento capaz de estimular o processo de ensino-aprendizagem. Ignorá-las, é abrir um precedente sem fim.

"A máquina, as novas tecnologias, apesar das suas potencialidades, jamais substituirão os professores na actividade educativa."

Regulação do sector universitário privado angolano

Por: Doutor Julien David Zanzala, Decano da Faculdade de Ciências Sociais da UniPiaget



O ano académico dois mil e quinze arrancou com vislumbres de esperança e apoquentações para o subsistema do ensino superior. Os primeiros nutridos pelo zelo e titanescos esforço de regulação orquestrado pelo órgão de tutela. As segundas provocadas pelos rumores de crise económica e financeira, o imobilismo e o carácter refractário da instituição universitária às inovações organizativas e produtivas. Com efeito, do lado do órgão de tutela iniciativas promissoras não faltaram durante o ano transacto. Como evidência, registam-se os seminários de capacitação dos gestores, o diagnóstico do estado actual das instituições e do subsistema, a discussão das normas gerais reguladoras do subsistema, das políticas e medidas para a reforma e a melhoria da gestão e da qualidade assim

como os inúmeros encontros nacionais de auscultação sobre o pacote legislativo dos estatutos remuneratório e da carreira do docente do ensino superior. Hoje são muitos os que julgam que “a casa está a ser arrumada”. Bem-haja MES!

Por outro lado, se se comparar as principais alterações no ambiente angolano de negócios com as insistentes práticas universitárias improdutivas, observa-se uma diferença de ritmo muito elevada. Nem a ausência no ranking internacional, nem os desafiantes constrangimentos sociais, económicos e políticos, nem os imperativos tecnológicos e ambientais parecem obrigar as instituições de ensino superior privado a reavaliarem as estratégias ou a questionarem a pertinência das escolhas em termos de carteiras de actividades, modo de desenvolvimento, de financiamento, de produção científica ou de atracção de estudantes estrangeiros. Nem o futuro mercado de capitais suscita o interesse de adoptar outros tipos de sociedades comerciais, nem a própria Associação das Instituições do Ensino Superior Privadas Angolanas (AIESPA) desperta a consciência de viver

num mundo interdependente que requer parcerias, novas percepções dos problemas, pontos de vista variados e complementares.

A ineficiência organizativa e produtiva das instituições privadas do ensino superior continua a ser corrigida pelas cobranças financeiras e não pela gestão estratégica. As mudanças sociais parecem ser ignoradas ou vividas como um problema, em vez de serem oportunidades. Pode ser, por estarmos vivendo-as de forma homeopática e gradual, que não se sintam os seus efeitos nas pessoas e nas organizações.

Pese embora a verdade e o conhecimento não se poderem dar apenas na ciência, é no entanto lugar-comum admitir que a qualidade universitária depende essencialmente da clarificação científica. O melhoramento do empenho dos trabalhadores, a eliminação sistemática do desperdício, a visibilidade internacional, a criação de valor e a tomada de decisões acertadas exigem uma filosofia de gestão, uma observância de princípios económicos, um bom conhecimento da estrutura de custos e condições de maximização de lucros e frequentemente

um recurso aos modelos matemáticos de avaliação da eficiência ou produtividade dos serviços. Só deste modo, e não pela intuição, é que a universidade se tornará eficiente naquilo que faz, e assim se libertará de todo o tipo de actividades ou do uso indevido de recursos que contribuem para o aumento de custos, de tempo e de não-satisfação do cliente ou das demais partes interessadas na formação superior. A validade destes princípios é corroborada pelo sucesso das universidades mais prestigiadas e competitivas do continente.

É bem verdade que é a conjuntura que está a levar a um desenvolvimento do ensino superior cada vez mais assente na mercadorização e empresarialização, sobretudo em Luanda. Mas, partindo do pressuposto que no século XXI só há universidade quando há formação graduada e pós-graduada, investigação científica e extensão, a actual estrutura da rede de instituições privadas (dez universidades, trinta e quatro institutos superiores, uma escola superior) com recursos financeiros muito limitados e sem desempenhos académicos distinguíveis, não é economicamente viável para atingir a eficiência. Atrai cada vez mais estudantes mal preparados e promove uma situação que complica as condições de optimização do lucro e pode levar, num futuro não muito longe, à falência de muitas.

A lógica microeconómica

Antigamente, antes de empreendimentos importantes, consultavam-se os sacerdotes, agora exige-se consultar especialistas. Pese embora o problema da dimensão de equilíbrio ou dimensão óptima de um sector de actividades seja investigado de forma mais profunda hoje em dia, é possível, à luz da teoria económica, orientar o mercado para um certo número de universidades. A estrutura actual que configura as quarentas e cinco instituições de ensino superior privado é chamada oligopólio (concorrência entre poucos com um grau de controlo do mercado por algumas universidades). A mesma quantidade de serviços pode ser oferecida por diferentes estruturas de mercado (como: três Mega universidades, algumas grandes e nenhuma média nem pequena; muitas universidades pequenas, ou ainda algumas universidades médias e poucas grandes; ou muitas médias, nenhuma pequena e poucas grandes; etc.), mas, é o agrupamento das universidades, reduzindo o número, que pode assegurar uma verdadeira concorrência e facilitar as economias de escala e de gama e a interacção estratégica. Assim, na estrutura actual, apenas pode sobreviver, de forma lucrativa, um número reduzido de instituições. Até nas economias modernas o grosso da actividade económica tem lugar em grandes sociedades anónimas que também são as mais

bem-sucedidas comercialmente, altamente inovadoras e responsáveis por grande parte da investigação e desenvolvimento (I&D), embora seja verdade que muitas das grandes descobertas tecnológicas tenham sido realizadas pelas pequenas empresas. A produção eficiente exige, com frequência, empresas de grande dimensão que necessitam grandes investimentos. As sociedades anónimas com responsabilidade limitada são a forma de organização dominante nas economias de mercado porque são uma forma muito eficiente de desenvolver um negócio e diluir o risco do investidor. Na universidade, maior dimensão implica maior diversidade e variedade de formações graduadas e pós-graduada, maior visibilidade e possibilidade de atrair recursos para laboratórios, investigação científica e extensão, mais facilidade em competir no continente, maior disposição para inovar e formar o pessoal, mais facilidade em interagir com as indústrias e introduzir as NTIC e novos sistemas de tratamento de dados, possibilidade de atrair estudantes e pesquisadores estrangeiros, diminuição do risco de falência. Ainda, a redução do número de instituições facilitaria a fiscalização do sistema e a captação de recursos financeiros através, por exemplo, de parcerias com o capital industrial ou mesmo público.

Que fazer de todas essas universidades pretensiosas, meros

centros de informação com docentes altiloquentes “que se exibem como bens de prestígio” sem a devida preparação, com o colapso de infra-estruturas universitárias e equipamentos, sem orçamentos suficientes para, garantir a pluridisciplinaridade, remunerar convenientemente os docentes, apetrechar laboratórios e bibliotecas que funcionem aos feriados e fins de semanas? Que fazer dessas universidades sem reais capacidades de auto-avaliação, sem recursos para investigação, inovação ou encontros científicos de grande relevância, facilmente acessíveis a um público mais interessado pelos títulos do que pelos aspectos académicos da formação? Que fazer desses campus sem vida cultural e desportiva excitante e sem capacidade de reter os estudantes ao longo do dia?

Com a quase depreciação da formação graduada no país, pensava-se que a formação a sério fosse transferida para o nível dos mestrados, mas verifica-se ainda a proliferação de esquemas e de programas facilmente acessíveis.

Continuar a investir nas instituições menos competitivas é social e economicamente absurdo. A escolha está entre continuar a dispersar, de forma contraproducente, os recursos globalmente insuficientes, ou aglomerar as universidades para criar grandes infra-estruturas, dinâmicas, eficientes, com recursos avultados, que terão mais chances de flores-

cer de forma sustentável no mapa do ensino superior do continente. Alias, esta é a opção actual em França, na Austrália e noutros países da OCDE. Em França, a problemática é a disseminação e a desequilibrada repartição do ensino superior no seu território, a fraqueza dos orçamentos das instituições, comparativamente às congéneres europeias, a ausência em algumas delas de um número suficiente de docentes investigadores e a dificuldade de garantir a pluridisciplinaridade. O mercado oferece cerca de noventa universidades que o Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS) deseja reduzir para trinta a quarenta. A lei de 22 de Julho de 2013 sobre o ensino superior deu um ano para as universidades e faculdades agruparem-se. O objectivo é chegar a vinte e cinco ou trinta mega-universidades pluridisciplinares com radiação internacional e alguns centros universitários periféricos com formações graduadas e masters profissionais para assegurar a massificação.

Uma das experiências bem-sucedidas foi a da universidade de Lyon, segundo polo científico do país, que depois de um processo longo de dez anos de trocas, diálogos e coordenação, federa dezanove instituições de ensino superior, cento vinte e nove estudantes, onze mil quinhentos pesquisadores e docentes pesquisadores e duzentos e vinte laboratórios.

Para garantir um ensino superior privado pluridisciplinar e competitivo, com laboratórios apetrechados e reconhecidos, parcerias com indústrias e empresas inovadoras, equipas de pesquisa integradas nas redes internacionais, é preciso ter recursos colossais. Os promotores do ensino superior privado deverão abandonar esta posição conservadora. O aumento do capital pela aglomeração é absolutamente imperioso. A regra do jogo correcta seria que a tutela não impusesse nada. A organização de um fórum nacional sobre o investimento privado no ensino superior poderá criar as condições e estimular o agrupamento de universidades, tendo em mente que qualquer acção nesse sentido obriga novas formas de gestão, de modo a permitir a sustentabilidade por meio de um padrão de organização que se mantenha ao longo do tempo e a promoção de um ambiente de selecção de competências com justa distribuição de riquezas. As instituições privadas sem fins lucrativos poderão já avançar nas negociações. Nós vutukaremos.

“Para garantir um ensino superior privado pluridisciplinar e competitivo, com laboratórios apetrechados e reconhecidos, parcerias com indústrias e empresas inovadoras, equipas de pesquisa integradas nas redes internacionais, é preciso ter recursos colossais.”



Universidade Jean Piaget
ANGOLA

CRIA NA PIAGET O TEU SONHO

INSCREVE-TE NUM DOS 16 CURSOS
DA NOSSA UNIVERSIDADE

WWW.UNIPIAGET-ANGOLA.ORG

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS

FACULDADE DE HUMANIDADES, ARTES,
EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE JEAN PIAGET DE ANGOLA · BAIRRO CAPALANCA · VIANA
917 535 593 · 917 535 594 · INFO@UNIPIAGET-ANGOLA.ORG · SERVACADEMICOS@UNIPIAGET-ANGOLA.ORG